

V COLÓQUIO NACIONAL DO NEER – As Representações Culturais no Espaço: Perspectivas contemporâneas em Geografia

RELATÓRIO FINAL

EIXO 1. ANÁLISE E CRIAÇÃO DE LINGUAGENS

GT Linguagens, imagens e ritmos
GT Representações do espaço e ensino

Coordenadores – Christian Dennys M. de Oliveira (UFC), Salete Kozel (UFPR) e Nelson Rego (UFRGS)

1- Dados Gerais:

Total de trabalhos inscritos: 31

Total de trabalhos apresentados: 20 (Sendo 18 Comunicações e 02 Paineis)

Do total de 20 trabalhos apresentados, 16 estavam vinculados ao GT 1 – Linguagens, Imagens e Ritmos. Os demais – 04 no total direcionavam-se especificamente ao GT Representações do Espaço no Ensino.

2- Principais discussões realizadas no EIXO 1:

As reflexões realizadas com a apresentação de 18 trabalhos no Eixo Análise e Criação de Linguagens proporcionaram olhares mais diversos (e ricos), tanto na dimensão cultural quanto social, sobre as maneira de encadear a imagens e ritmos das festas aos desafios da interpretação plural na geografia das representações. Vimos na exposição de trabalhos que versaram sobre festas tradicionais, comunitárias, turísticas, religiosas, etc., assim como nas estratégias de fundamentação teórica em autores do porte de M. Bakhtin, Yu-Tuan, E. Goffman, P. CLAVAL, DI MEO, uma exitosa tendência de articular a categoria “representação” como uma *mediação cultural* indispensável; seja na evidenciação dos fenômenos geográficos estudados, seja na forma de re-apresentar a leituras contextualmente possíveis desses e outros autores mais diretamente envolvidos com o estudos dos eventos populares no Brasil. Neste último ponto, emergiu concentração de exposições aspectos específicos das questões metodológica, patrimonial, indígena e político-administrativa, demonstrando a interdependência das Linguagens Festivas e da Aprendizagem Escolar com o uso de Mapas conceituais.

Parte dessas questões – na forma de elaboração de tópicos – é o que relatamos abaixo para sintetizar ideias afloradas da discussão final. O objetivo aqui será aproximar o leitor do “calor” das discussões veiculadas no encerramento do Eixo e, ao mesmo tempo lembrar a necessidade dos Coordenadores trabalharem no redimensionamento da participação de pesquisadores dedicados ao GT 2 “Ensino”, dada baixa adesão de trabalhos especificamente desse campo temático, desequilibrando os debates do Eixo. Assim sendo discutimos na oportunidade

- O papel da representatividade de mapas conceituais selecionando sujeitos de diferentes faixas etárias (variação da bagagem existencial);

- Como lidar com os riscos do “psicologismo” no tratamento das informações?
- Há que se considerar que as “Representações” permeiam outras categorias geográficas que não diretamente vinculadas às temáticas da Geografia Cultural.
- Deve-se valorizar a concepção de “Presentificação”, para além das representações pré-estabelecidas. Um exemplo são as construções de paisagens fitofisiográficas na contextualização política-urbana como indicativo dos cenários. Da Geografia do Ontem para a Geografia do Hoje: precisamos encaminhar uma reconstituição do visível “como típico” para o densamente vivido nos/dos cenários alternados.
- Representação é também linguagem de “nomeação” de espaços de resistência e apropriação política contestadora. Por exemplo: marketing do “cerrado” x contra-marketing (difusão popular/ de associações) do termo “gerais”.
- Saberes diferenciados e multifacetados: As representações teatrais como potência de análise e interpretação dos atores escolares e redimensionamento dos papéis.
- A festa como representação das festas representativas – jogos contextuais em formação, reconstrução ou estratégia de resistência à extinção.
- Como explorar nas festas o jogo: “Representação” X “Coisa em si” – generalização e banalização – limites. Como sugestão, podemos rever contribuições fundamentais em *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia* (J.M. BESSE) e *Filosofia das Formas Simbólicas* (E. CASSIRER)
- No universo das festas e da educação é preciso repensar o que exatamente conceituamos como: Base material – experiência corporal na terra. Mas por que chamar de “base” e ler isto como ponto de partida único?
- Representação como transformação da sensação em cognição. Um caminho favorável à leitura da racionalidade com superioridade; e não como simultaneidade. Considerações: A terra planeta é tão base quanto o colo de minha mãe, mulher e ou filha – isso permite a negociação das representações básicas: a mediação das linguagens, imagens, ritmos, espaços e ensinamentos nos permite ler uma duplicidade fundante da base geográfica. Centrando-nos em Eric Dardel, as polaridades homem/terra, mulher/água ou SER/ESTAR na “Gea”, nos proporciona representações relacionais da cognição sensitiva e/ou da sensação cognitiva.
- Risco de cair no “Tudo é representação” conforme o axioma de George Berkeley, Bispo de Cloyne, crítico de Descartes e Locke e ferrenho defensor do idealismo radical: a realidade consiste exclusivamente nas coisas que percebemos delas (*ser é o ser percebido*). O proporciona uma renovação da leitura lógica e niilista: o mundo se acaba quando durmo e renasce quando acordo. Além de nós mesmo nada é possível. Assim a representação viraria um “carimbo” de autenticação dos estudos de festa e educação no NEER. Para “escapar” disso e construir, diversificar concepções e fundamentos das representações, mesmo que o significante não se autodenomine assim.
- Há que escapar também do “Lugar comum” das representações:

correspondências com nossas expectativas epistêmicas na investigação: o mapa mental acertou! O entrevistado disse exatamente o que os fundadores apontaram! A aula de campo confirma o que vimos na classe! Necessidade de fortalecermos estudos resistentes a esses modelos de confirmação e banalização geográfica.

- Não tem representação que não seja reapresentação (Deleuse & Guatarri) - E conseqüentemente re-apropriações dos atos de apresentar para representar.

3- Avaliação do Gts integrados ao Eixo 1:

Conforme já foi mencionado acima, a evolução integrada do GTs de “Linguagens” e “Ensino” não permitiu uma condição mais adequada para devida avaliação do desenvolvimento do segundo GT. Entre os motivos considerados estão: a limitação de inscrições e apresentações de trabalhos a ele referentes; bem com a leitura que as representações no/do ensino de geografia poderiam dialogar com outras temáticas culturais, sem identificar-se diretamente como questão didática. Neste segundo aspecto, é importante frisar que 4 das 16 comunicações, somados ao trabalho do painel, discutiam aspectos linguagens e imagens festivas e identitárias tendo como indicativo a leitura escolar a respeito das manifestações culturais em estudo. Notadamente aqueles trabalhos que utilizaram a perspectiva metodológica dos mapas mentais como uma amostragem de escolas regulares ou comunitárias. O que nos permitiu perceber que a importância de continuar investindo na discussão integrada dos dois GTs; mas como será apontado no item seguinte, por intermédio de um novo desenho de títulos e futuros ementários.

Neste sentido, tendo em vista o desequilíbrio do Eixo em favor do GT “Linguagens” torna-se plausível repensar a ementa e o título do Eixo e dos GT para próxima Edição do Colóquio do Núcleo. Em princípio, sugerimos a seguinte composição, que ficará aberta para contribuições posteriores até um formato definitivo:

Eixo Temático 1 (Renomeado)	Grupos de Trabalhos (Renomeados)	
Linguagens Culturais nos Espaços Educativo e Festivo	GT1	Análise das Imagens e Ritmos na Festa
	GT2	Análise das Linguagens Culturais na Escola

4- Sugestões referentes aos GTs:

A rica discussão a respeito da autenticidade/artificialidade de grandes eventos e sua promoção turística, encaminhada a partir da apresentação de trabalhos como *A DIMENSÃO SIMBÓLICA DA FESTA DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO* (de Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves) e *FESTAS DE CERIMÔNIAS DE JOGOS OLÍMPICOS COMO POSSIBILIDADE DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL* (de Izac de Oliveira Belino Bonfim/ Miguel Bahl), facilitou o encaminhamento de uma proposta à plenária dos GTs. Encaminhamento este que pode ser analisado no campo das representações sociais e espaciais como referência de caráter propositivo. Que representações – não majoritárias da cultura popular e de grupos minoritários atuantes – podem traduzir espaços de renovação cultural de nossas apresentações

cênicas em eventos diversos? Para o mundo das exposições midiáticas – de crescimento exponencial para os próximos anos – o que os pesquisadores do NEER devem denunciar como não representativo (por estandarização) e o que podem propor como representativo da atitude de valorização política e ética da cultura?

É fundamental acompanhar os eventos cerimoniais da Copa do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos, pensando que nossas festas juninas, natalinas ou carnavalescas já estejam vivendo o mesmo jogo velado de opções empobrecedoras da representatividade cultural. Malgrado toda a contribuição das pesquisas que realizamos.